

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Toussaint, Michel, 1946-

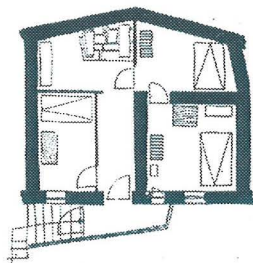
## **Conceitos de habitar em arquitectura**

<http://hdl.handle.net/11067/4940>

### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	1999
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T18:37:01Z com informação proveniente do Repositório



## CONCEITOS DE HABITAR EM ARQUITECTURA

**MICHEL TOUSSAINT**

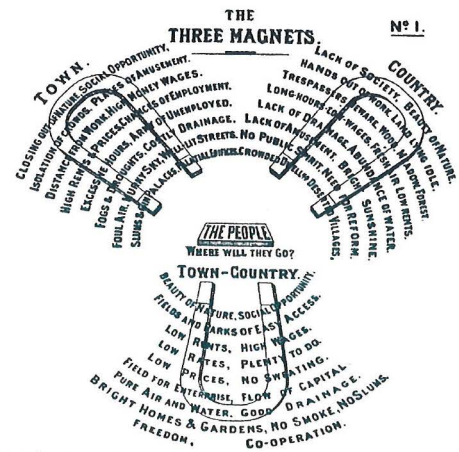
**P**ara Heidegger habitar transcende a casa, estendendo-se a todos os espaços de que o ser humano se apropria - "construindo-os". Este admirado e controverso filósofo alemão conclui, depois de estabelecer uma lista exemplificativa de espaços construídos ou fabricados, que o homem "*os habita e, no entanto, não os habita, se habitar quer dizer somente que ocupamos um alojamento*". Mas ele obviamente recusa esta perspectiva mais restrita, até porque entende que o "*habitar é um traço fundamental do ser*" (1).

Deste modo, como relacionar a Arquitectura e o Habitar? - A partir do pensamento de Heidegger, pode-se inferir que a arquitectura, sendo a disciplina que rege conceptualmente os actos de construir os espaços para o viver do ser humano no seu sentido mais geral, inclui forçosamente o Habitar não apenas referido a um alojamento, mas sim em todo o seu universo.

No entanto há que perguntar se tal concepção sempre existiu. A tradição vitruviana sempre definiu a Arquitectura como a Arte de Construir, pondo em primeiro lugar o acto de erguer edificios como o seu principal esteio definidor.

Analisando alguns tratados desde Vitruvio (Alberti, Serlio, Palladio, etc.), verifica-se que propõem uma grande divisão entre público e privado e que a Arquitectura se relaciona preferencialmente com o primeiro vector, deixando o segundo à responsabilidade de cada um. Isto é, mesmo que Alberti tenha definido a Cidade como uma grande casa, estendendo a noção do habitar restrito ou privado à esfera do colectivo, será mais uma metáfora que uma inclusão igualadora. Aliás este italiano pouco ou nada introduziu no seu tratado que se relacione directamente com os edificios contendo alojamentos.

A perspectiva tipológica com que a maioria dos tratadistas encarava os exemplos de cidades, praças, edificios públicos e



-Hebzenner Howard: Teoria dos três magnetes

finalmente palácios, remetia para estes últimos o habitar no sentido restrito, mas, ao mesmo tempo, há que admitir o carácter público destas “habitações” cujos proprietários, pertencendo à nobreza ou alta burguesia, levavam uma vida exposta aos olhos de muitos, isto é, pouco ou nada havia de privado no seu quotidiano e tal reflectia-se na organização espacial dos seus palácios. Poder-se-á assim dizer que o extenso conceito de habitar, que encontramos em Heidegger, representa uma consciencialização mais recente, mesmo que o filósofo, como é habitual nos seus escritos, se vá alicerçar em reflexões filológicas. Isto é, parece ser nos tempos mais recentes que a extensão da palavra habitar se estabeleceu, provavelmente acompanhando a ideia da igualdade dos seres humanos ( pelo menos no seio de um mesmo povo) da qual o conceito de Nação, firmado no século passado, é uma das expressões. A Nação é a coincidência entre um povo e um país ( espaço geográfico delimitado por fronteiras políticas mais ou menos claras em termos físicos). Parece assim poder-se concluir haver relações entre perspectivas políticas e sociais e perspectivas arquitectónicas em torno de conceito do habitar que poderíamos ilustrar, por exemplo, com o Reino Unido ao longo do séc. XIX, no qual a evolução social para um aumento das classes médias, por um lado, e as preocupações altruistas relativamente aos mais desfavorecidos, bem como a crescente consciência dos defeitos da organização social e urbana, por outro, desenvolveu um forte interesse pelo alojamento, sobretudo pela habitação unifamiliar como morada preferencial. Hermann Muthesius escreveu em “Das English Haus” (1904-1905) que o inglês “*construindo para si próprio apenas, auto-suficiente e não sentindo grande urgência na socialização, procurando os seus interesses pessoais em isolamento virtual, indo rapidamente à cidade no único propósito de tratar dos seus negócios*” e depois “*voltar rapidamente para o coração da sua família*” habitava em isolamento rural na paisagem natural (2).

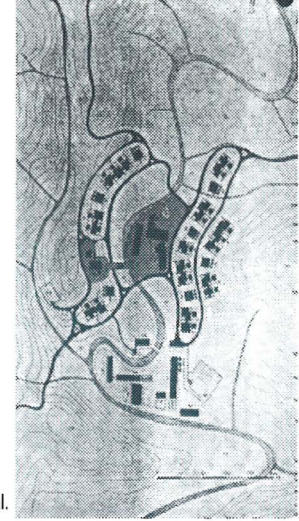
Muthesius descreveu assim um sentido do habitar praticado na Inglaterra dos finais do século passado, que envolvia a casa isolada como a resposta arquitectónica ideal, mas não esquecendo a sua posição relativamente ao centro urbano que, finalmente, fazia parte de um sistema territorial bem mais vasto. Haveria assim uma complementaridade que Hebzenner Howard na célebre

---

teoria dos Três Magnetes transformava na possível saída ao dilema cidade-campo, mesclando estas duas realidades na proposta a que veio a chamar de Cidade Jardim, na qual um arquipélago de pequenos núcleos urbanos, envolvidos por um campo produtivo, dava a resposta apropriada às destruidoras diferenças do sistema e constituir-se-ia numa resposta a um global (e quiçá novo) sentido do habitar e em que a casa era um elemento arquitectónico entre outros, que lhe daria resposta. As propostas mais utópicas de Owen ou Fourier caminharam na mesma direcção ao associar trabalho e alojamento, mas num sentido de comunidade relacionada com um território próprio, mais vincado que em Howard.

Mesmo a Barcelona de Cerdá ou a Grosstadt de Otto Wagner, que apostaram na grande cidade, não deixam de entender que o alojamento não é um elemento isolado em si, mas tem forçosamente um contexto social e urbano que amplia conceptualmente o habitar.

Um dos temas centrais da afirmação do Movimento Moderno foi a habitação. A história dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM) está ainda por fazer, mas as suas realizações foram um espelho da vida desse conjunto de gente, ideias e manifestações que marcou idelevelmente o século XX. Já no primeiro Congresso que produziu a Declaração de La Sarraz (1928), assinado pelos participantes que se consideravam "representantes dos grupos nacionais de architectos modernos", estes escreveram que a essência da urbanização seria de ordem funcional, rejeitando os condicionamentos de um "esteticismo pré-estabelecido" e que essa ordem teria três funções: habitar, produzir e descontrair (manutenção da espécie). E os objectos essenciais do urbanismo seriam: a divisão do solo, a organização da circulação e a legislação (3). Mais tarde, a famosa Carta de Atenas, redigida durante o IV CIAM (1933) redefiniria as funções de Urbanismo (habitar, trabalhar, recrear-se e circular), acentuando o carácter funcionalista do entendimento dos espaços da cidade (isto é: a cada função corresponderia um espaço próprio), e, claro, uma compreensão mais restrita do conceito de habitar, essencialmente associável ao alojamento e extensível a todos os espaços colectivos de relação imediata.

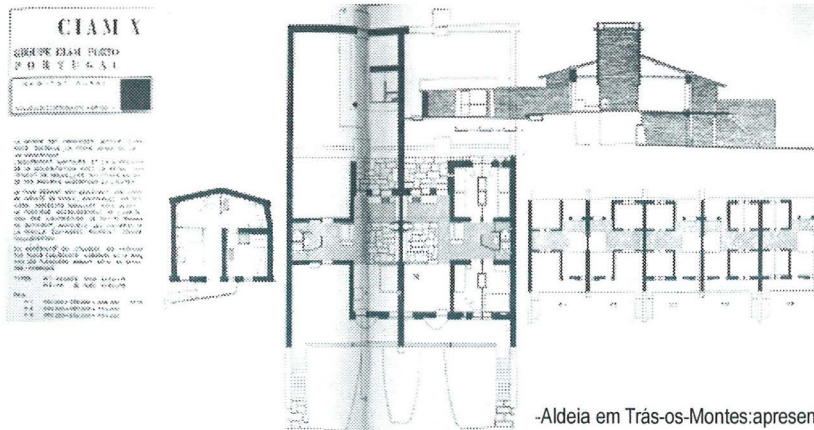


-Apresentação Portuguesa ao X CIAM: Planta da unidade principal.

Tal entendimento reforçou-se entre o primeiro e o quarto congressos pela realização dos II e III CIAM cujos temas foram dedicados ao alojamento: "O habitat de renda limitada" (Frankfurt 1929) proposto por Ernst May e "Métodos racionais para a construção de agrupamentos de habitações" (Bruxelas 1930) proposto por Victor Bourgeois (4). No de 1929, o grupo da Nova Objectividade dominou com a sua preocupação sobre a "Habitação mínima" (Le Corbusier jocosamente criou a "Habitação Máxima").

Do congresso de 1930, as comunicações hoje mais citadas são a de Gropius e a de Le Corbusier. Este apresenta a sua Cidade Radiosa integrando a habitação no todo urbano e mostrando a sua primazia na cidade, enquanto Gropius preocupou-se em demonstrar, segundo um processo de modelo científico, as vantagens geométricas dos edifícios de habitação em altura (10 pisos) em combinação com a "nova família" nuclear que necessitaria de um conjunto de equipamentos complementares ao alojamento. Os grandes edifícios acolheriam um número suficiente de habitantes que justificariam a inclusão, no próprio edifício, de alguns desses equipamentos.

Em Portugal, foi com a publicação da Carta de Atenas (Técnica-1944-em versão resumida, Arquitectura- a partir de 1948-na versão completa publicada por Le Corbusier) que se começou a divulgar a existência dos CIAM. Acompanhando a publicação na revista Arquitectura, esta imprimiu, pela primeira vez, uma notícia sobre um dos congressos, mais precisamente sobre o VII em Bergamo no seu nº 31 (Junho e Julho de 1948). Estava-se no ano do 1º Congresso Nacional de Arquitectura (Maio/Junho 1948), que constituiu uma forte afirmação da jovem geração que, finalmente, introduzia o Movimento Moderno no País. A notícia é um "Condensado dum artigo de Gille-Delaфон publicada no jornal Arts" que dá conta dos temas abordados no congresso destacando o lançamento da Grelha CIAM. No entanto, é no nº38-39 da mesma revista (Maio 1951) que se publicam as actas do VII CIAM onde afinal se revela que foram três os temas de debate: Os Casos da aplicação da Carta de Atenas, Síntese das Artes Plásticas e O ensino da arquitectura e do urbanismo.



-Aldeia em Trás-os-Montes:apresentação Portuguesa ao X CIAM

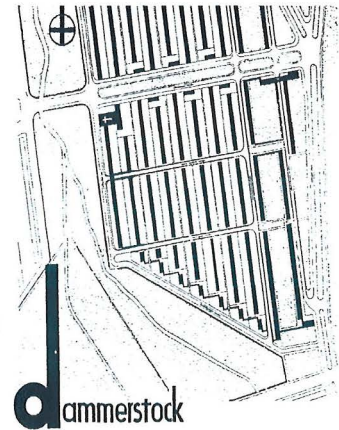
Citando Le Corbusier, as actas revelam o que é a Grelha CIAM : "*uma rede vertical - horizontal que dá, nos seus cruzamentos, pontos de discussão*".

Alguns anos mais tarde, a revista *Arquitectura* publicou no número 64 (Janeiro, Fevereiro 1959) o trabalho da representação portuguesa ao X CIAM (Dubrovnik 1956) e no número 66 (Novembro, Dezembro 1959), a comunicação apresentada por Octávio Lixa Filgueiras ao XXIV Congresso Luso - Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Madrid (Novembro 1958). Filgueiras dá conta das dúvidas e discussão em torno da Grelha CIAM já suscitadas aquando do IX CIAM em Aix-en-Provence (1953) organizado pela ASCORAL ( grupo pluridisciplinar fundado por Le Corbusier) . Segundo Kenneth Frampton (5) o IX CIAM assistiu à aparição de uma nova geração liderada por Alison, Peter Smithson e Aldo Van Eyck que desafiaram as 4 funções da Carta de Atenas preferindo categorias mais fenomenológicas como "casa", "rua", "distrito" e "cidade", e afirmando, na sua crítica ao relatório do VII CIAM, a importância do sentimento de pertença -identidade que enriqueceria o sentido de vizinhança.

Há assim outra vez uma vontade em abandonar a perspectiva mais analítica que dominou o Movimento Moderno entre as duas guerras e que se prolongou, por exemplo na Grelha CIAM que a representação portuguesa no X CIAM quase ignorou, preferindo uma aproximação mais imagética às questões analíticas que sustentavam a justificação da sua proposta para uma aldeia no longínquo ( nessa época de ainda grandes dificuldades de transportes) Trás-os-Montes. Os portugueses queriam assim contribuir para uma Carta do Habitat, que substituiria a Carta de Atenas, neste caso através da aproximação à situação rural.

Esta substituição não estará longe das críticas dos que se vieram a chamar Team X (os Smithson, Van Eyck, etc.) e o facto de se usar a palavra Habitat é claramente o voltar a um conceito mais alargado de Habitar, não funcionalista e que foi importante vector para repensar a cidade nos finais do século XIX, precisamente a partir da casa, prolongando-se nas experiências do edifício comunitário que, nos socialistas utópicos se concretizou no edifício para os empregados do ministério das Finanças em Moscovo de Moïsseï Guinzbourg (1928-29) ou, muito mais tarde na Unité d' Habitation de Le Corbusier em Marselha (1947-52),

-Walter Gropius: Siedlung Dammerstock



ou nos muitos “siedlung” alemães entre as duas guerras.

À laia de conclusão pode-se afirmar que, como Heidegger escreveu, o “*habitar é um traço fundamental do ser*” e tal veio a reflectir-se nos conceitos de Habitar em arquitectura, apesar da perspectiva reducionista a que o entendimento funcionalista quis remeter o habitar, quando o classificou como apenas uma das funções de Urbanismo.

#### NOTAS:

1)-Heidegger, Martin

“Batir, Habitar, Pensar”

in: Essais et Conférences, Paris: Éditions Gallimard, 1958

2)-Richardson, Margaret

“Architects of the Arts and Crafts Movement”

RIBA Drawing series, London:Trifoic books, 1983

3)- “La Déclaration de la Sarraz”

in: Conrads, Ulrich, Programmes et Manifestes de l’Architecture du XX éme Siècle, Paris:Les éditions de la Vilette, 1991.

4)-Ragon, Michel

“Histoire de l’Architecture et de l’Urbanisme Modernes”, “Naissance de la Cité Moderne 1900 - 1940”

Paris: Casterman, 1986

5)- Frampton, Kenneth

“Modern Architecture, a Critical History”, London:Thames and Hudson, 1997